

— Com a criança?

— Sim, com a menina.

E em seu rosto franco, levemente gasto, reapareceu aquele indefinível ar escarninho que ela já observara. A contínua mudança de sua expressão era desorientadora.

— Não, disse ele, vendo a perplexidade de Constance. Minha mãe vem aos sábados cuidar da limpeza. Faça o resto.

Constance ficou a olhá-lo ainda — a olhar para aqueles olhos que novamente sorriam, um pouco travessos, mas quentes e azuis, e bons, apesar de tudo. Ele a interessava inexplicavelmente. Trazia calças e camisa de flanela e gravata cinzenta; tinha os cabelos ainda úmidos, o rosto pálido e gasto. Quando seus olhos cessavam de rir-se, revelavam-se sofredores — mas nunca frios. Súbito o senso da sua solidão empolgou-o. Aquela mulher não se achava ali por sua causa.

Constance sentia vontade de dizer-lhe muitas coisas, mas não se animava. Ergueu para ele os olhos e murmurou:

— Espero que não tenha vindo perturbá-lo.

O ligeiro sorriso travesso tornou a apertar os olhos do guarda-caça.

— Estava a pentear-me. Peço-lhe desculpas de ter aparecido sem paletó, não podia adivinhar a sua vinda. Ninguém me procura nunca, e qualquer batida na porta me faz correr como estou. O inesperado é sempre uma ameaça.

Precedeu-a no jardim para abrir-lhe o portão. Vendo-o em camisa, sem a grossa veste de veludo, ela de novo notou como era magro, esguio e um pouco recurvo. Apesar disso, seus cabelos loiros e seus olhos inteligentes ressumavam vitalidade moça. Teria uns trinta e sete anos.

Constance caminhou constrangida até o bosque, certa de que ele a estava olhando. Aquele homem perturbava-a estranhamente sem que soubesse porquê.

Lá na cabana, Mellors ficara a pensar: "É encantadora, mais ainda do que se julga..."

Aquele homem a preocupava. Tinha muito pouco de guarda-caça, ou ainda menos de operário, apesar de algo

comum com a gente do lugarejo; mas o que tinha de incomum a espantava.

— Mellors, o guarda-caça, é um tipo interessante, disse Constance a Clifford, logo que entrou no castelo. Dá-me ares de um gentil-homem.

— Acha? — perguntou Clifford. — Não notei nada.

— Não percebe qualquer coisa de especial? — insistiu Constance.

— Acho-o um guarda excelente, mas quase nada sei a seu respeito. Deixou o exército só no ano passado — há menos de um ano. Veio das Índias, creio. Talvez lá tenha adquirido maneiras como ordenança de algum oficial. Descascou-se. Tem acontecido isso a muitos soldados. Mas de nada lhes serve. São obrigados a retornar às antigas posições, quando voltam para o mundo.

Constance mirava Clifford. Viu nele antipatia mesquinha, peculiar aos da classe, por todo homem do povo que tem ensejo de subir.

— Mas não percebe nele qualquer coisa de especial? — repetiu.

— Francamente, não. Nunca notei nada.

Clifford olhou-a curioso, pouco à vontade e meio desconfiado. E Constance sentiu que ele não lhe dizia a verdade toda. Ou talvez fosse a si mesmo que não confessasse toda a verdade. Clifford detestava a idéia da criatura de exceção. Todos tinham de ser mais ou menos do seu nível, ou abaixo desse nível.

Constance sentiu novamente a estreiteza, a pobreza dos homens da sua geração. Tão miúdos, tão medrosos da vida!

## CAPÍTULO VII

QUANDO CONSTANCE SUBIU AO seu quarto, fez o que há muito não fazia: despiu-se diante do espelho grande. Não saberia dizer o que a levava a isso,